

**A IMPORTÂNCIA DA COSTA-NOVA
NA
AFIRMAÇÃO DOS «ílhavos»**

Palestra

**6ª SEMANA INTERNACIONAL
VELA**



**CVCN
2008**

Minhas Senhoras; Meus Senhores; Amigos:

Em 2006, em boa hora, o CVCN adiantou-se e deu o lamiré. Estávamos então prestes a comemorar bi-centenário da Costa-Nova.

“Os centenários - disse-nos Eça de Queiroz - têm a excelente utilidade de avivar e recolorir largos pedaços da História, que já se apagavam, se sumiam, conservando apenas aqui, além, algum contorno incerto e turvo”

Seria de esperar que o lamiré produzisse efeitos.

Na altura foi apresentado um vídeo da autoria de Rui Bela, que descreve, fundamentalmente em imagens, os passos importantes da vida deste maravilhoso recanto - dos tais como nos diz o poeta - *onde o sonho comanda a vida*, a que alguém apelidou, para o distinguir de outros, de **Costa-Nova do Prado**. Fosse quem fosse que a apadrinhou na pia baptismal com o sal da sabedoria, fê-lo com o olhar desperto pelas crastas arenosas e sáfaras da Gramata que começavam na altura a esverdear. Depois que o gafanhão vindo lá das gândaras, as desbravou com pertinácia, afinco e paciência, adoçando-as para lhes dar fecundidade materna, esperançado que do seu seio, um dia brotasse vida. Foi uma canseira tenazada, exaurida e exsudada, que teve, contudo, grata recompensa, quando as areias lassas viraram terra úbere, fértil.

Logo na altura da apresentação do vídeo se colocou a hipótese de verter em livro, as imagens. Confesso que não me despertou grande entusiasmo, **na altura**, a ideia.

Explico: não sou um adepto confesso dos álbuns em que pela via facilitada e estática das imagens, se pretende contar a **história das gentes**. Acho-os para o efeito, frios e inócuos. Ficamos sem saber os porquês. É fácil e cómodo, mas insuficiente.

Entretanto...

Assisti com alguma perplexidade ao esquecimento votado nas Comemorações dos «**200 Anos da Barra de Aveiro**» ao facto de, da abertura da mesma, ter resultado o nascimento da Costa-Nova. Facto demasiadamente importante para a região lagunar, a justificar enquadramento sempre que se aborde o tema que ocupou o ano de comemorações.

Mais grave...e imperdoável...

A Câmara de Ílhavo - sempre desatenta ou ignorante, ou o que quiserdes -, desconheceu o facto. Como aliás tinha desconhecido a desanexação administrativa do concelho, do de Aveiro, facto ocorrido em **1898**, que o Ensaio Monográfico veio lembrar. E o acontecimento, comemorado oficialmente *a modos algo* envergonhados, foi-o tardiamente, quando já lá iam 110 anos. Mais vale tarde que nunca!, direis... Ainda bem !...se nada mais de útil trouxe o «Ensaio», valha-me ao menos isso. Para quem o tem na mesinha de cabeceira - embora deteste o *possidónio* do autor - não me parece nada mau ter quem nos relembre a nossa história...



Os Palheiros ao Sul



A Barca da Passagem 1900

Espantoso foi que a conceituada **Inês Amorim**, uma notável estudiosa da nossa região, não se tenha apercebido do facto, e não o tenha citado no livro que lhe foi encomendada pela APA. A autora não nos deu conta da dimensão e da importância da abertura definitiva da ligação que serve à ria, diariamente, para se espriar no mar e nele se lambear de vitualhas salinas com que, regressada ao espartilho das suas margens, banqueteará os comensais da sua flora.

Fiquei perplexo com tamanho hiato. Qual Lancelote em defesa da minha dama, resolvi vir terçar armas, saindo para o arraial quando já se atiravam os foguetes e decorria a festa. A raiva com que me atirei a elaborar, em fascículos, os «**200 anos da Costa-Nova**», e os integrei, ainda a tempo, nas Comemorações dos «**200 Anos da Barra**», provocou-me um período de extenuante de trabalho. Soube então o que era cumprir calendário e escrever à peça, *entregando* três fascículos por semana, obrigatoriamente, acontecesse o que acontecesse. Não fora a minha obtusa e canhestra tacanhez literária, e ter-me-ia sentido Camilo a despachar os capítulos das suas novelas, às vezes tão em cima da hora, que se baralhavam uns aos outros. Comigo isso também sucedeu. Experiência que não vou, certamente, repetir. Adiante...

É pois a hora de vos dar um testemunho das emoções porque passei quando fui alinhando ideias. Ao princípio, quando me atirei à documentação, tudo era, ainda e apesar do que ouvira e captara ao longo de uma vida em que a Costa-Nova foi fiel pousio, um pouco difuso.

Do bom milhar de actas consultadas- *é talvez curioso dizer-vos que a partir de 1898 as actas da Câmara Municipal de Ílhavo ,dão, a quem as consultar, a ideia de que o Concelho*

é, apenas e só, composto pela Vila e pela Costa-Nova - seleccionei cerca de 350, para estudo mais atento. Dos jornais publicados do Séc. XIX a XX, retirei, ou debrucei-me, por centenas e centenas de artigos que reportavam à Costa-Nova: notícias, postais, crónicas, publicidade etc etc, tudo vasculhei. E o que ao principio era *o verbo* depressa se transformou em percepção de que havia um interessante e esplêndido fio condutor unindo os aspectos que enformam a vida desta *concha à beira ria pousada*, como que por esquecimento. E que um dia um passante fixou, mirou, olhou e, achando singularidade a esta amplidão assombrosa de azul, muito azul, fresco e vivo, logo dela se apaixonou, recolhendo-a para a seu lado se espreguiçar e desse modo melhor lhe sorver o perfume e o nacarado em todo o seu fasto.

Não vou hoje insistir no testemunho dos documentos fotográficos, os quais Vos serão, certamente, um pouco próximos. Vou apenas fazer com que mudos sirvam de pano de fundo ao meu arengar, para se aburrados de mim, possais ao menos, encher os olhos nas imagens, cerrando os ouvidos.

Não! Nunca gostei de decalcar ou fazer coisas simplistas. O que vos convido, é para que me acompanheis, tal como sucedido no **Ensaio**, na tentativa de seguir as gentes, percebendo as circunstâncias com que se depararam e, seguidamente, identificadas estas, perceber então, as mutuas influências: do meio sobre as gentes, e das gentes sobre o meio.

Ensaieiros, assim, uma nova perspectiva sobre a Costa-Nova.

Minhas Senhoras e meus Senhores; Amigos:

Em 1808, as Companhas que pescavam na borda de S. Jacinto onde Manuel Firmino tinha, já então, ensaiado com êxito a tracção animal para recolha das redes e, desse modo libertado homens e mulherio - e até crianças - da penosa tarefa de atar ao cinto o *reçoeiro* e a *mão da barca*, tarefa desarcada, desaurida e escolhambrada, aquela de alar a rede até à praia, viram-se, aquando da abertura da nova Barra - na altura considerada *um segundo dia da Criação* - imbramados com uma nova e preocupante dificuldade. De facto, as fortes correntes provocadas pela abertura da ligação ao mar, dificultavam, ou até impediam, o acesso diário do pessoal às Companhas e, pontualmente, o acesso dos animais às mesmas. E dificultava, de sobremodo, a tarefa da comercialização do peixe capturado, que tardava tempo imenso a ser colocado nos centros de distribuição (Aveiro), para daí partir para os mercados interiores.

«Os Barretos», filhos da ti Victória Bernarda e por isso alcunhados de «Bernardos», não estiveram com hesitações: - o Luís veio varar o seu meia-lua mesmo aqui, defronte do local onde nos encontramos; seu irmão o José, esse, foi sempre a sul, inebriado com a aventura de procurar novo pousio, e, quando abicou, deu que estava em Lavos, ali ao lado da Figueira da Foz, uma plataforma ideal para daí, por terra ou subindo o rio Mondego, alcançar novos mercados carentes, e por isso expectantes, de pescado da beira-mar.

Para o que nos interessa deixemos o Zé e fixemo-nos no demiurgo Luís «da Bernarda»: a faina na Costa-Nova terá sido iniciada em dia chuvoso, enfarruscado, tórvo, de cariz mal disposto; mas certo é que os *alcatrazes*, apesar disso, continuavam a esvoaçar em círculos sobre os cardumes, atirando-se de vez em quando sobre o gorgolhido das águas, O Luís «da Bernarda», que era arrais arguto, sabedor em *ler os sinais*, não esperou e afoitou-se ao mar. O peixe arrastado na *coada*, nesse primeiro dia de pescaria, *foi tanto que muito dele, à falta de condições de salga, teve de ser botado ao mar*, conforme registo da época.

Logo se organizou a Companhia, que pouco tempo estaria só, pois logo os *arraises*, «o Batata», da Companhia do Salvador, o Capote, da Companhia do mesmo nome, e o Bagão, da Companhia do Galo, se lhe vieram juntar.

Num repente, mais de mil almas aterraram desembarcando no areal deserto de uma lingueta que parecia ser, **terra de ninguém**. E que afinal até tinha dono. De facto, uma placa cravada lá para o sul, espetada no areal a norte do rigueirão que o «**Pai da Pátria**» e Cap.Mor de Ílhavo, **João Sousa Ribeiro**, tinha aberto na Vagueira, assinalava a inscrição **VAR**, que significava o fim da jurisdição administrativa de Ovar. Cujas autoridades, é certo, pouca ou nenhuma atenção dariam a este areal imenso, despido de gente, tal a impossibilidade - ou dificuldade - em lhe aceder. Mais ainda, depois de interrompida a lingueta pela abertura da nova barra.

Foi uma *freima de afadigaço*, um alumbramento de que se tinha – finalmente - terminado a gólgota, com a descoberta deste recanto secreto de areias ocres; logo uns palheiritos nasceram, alquebrados e rotos, mais não sendo que tugúrios.

Que pouco mais serviam de agasalho às gentes no seu interior, **da lapeirada do vento rijo**, que as corcovas das dunas onde se alapavam ao deus dará, dependendo da autorização concedida pelo arrais; logo outros, estes já maiores - chamados palheirões - se viriam instalar ao seu lado, para zona mais próximo da ria: eram as fábricas de salga decalcadas de uma nova tecnologia que o francês Mijouille, em 1773, trouxe para Ovar, e que, ao que consta, cedo foi descoberta por vias de um acto de espionagem, e logo copiada.

Até aqui, certamente não Vos dei nenhuma novidade. Tempo pois para avançar, porquanto,

foi então que tudo começou...

A abordagem que gostaria de fazer a partir deste ponto de partida, é a de realçar a importância que a Costa-Nova teve para o desenvolvimento e a consolidação de Ílhavo :

- 1) **Em primeiro lugar no aspecto económico**
- 2) **Em segundo no aspecto de vivência social, cosmopolita**
- 3) **E em terceiro lugar pela exigência e abertura de novos horizontes e consequentes desafios, colocados ao poder político.**

O movimento comercial gerado pelas Companhas, trouxe com ele os **mercantis** (mecantéis da sardinha). Atrás destes viriam os almocreves com os burritos, verdadeiras empresas de transporte da época, que, se não pagavam o gasóleo ao preço da morte como hoje acontece, tinham que alimentar-se: - **a si e aos burricos**. Para que estes após o último lanço,

carregados, derreados pelas ceiras que pendiam dos seus costados, se atirassem ao caminho, de noite, por entre vales e serranias trotando apressados na pretensão de chegarem com a alva ao outro dia, lá para o interior beirão para entregarem a sardinha com *o olho ainda « esperto», a luzir. Porque a melhor sardinha é aquela que ainda cheira a lombo de jumento.*

Acorreriam logo outros :

- os **peixeiros** com os gigos nos varapaus alombados no ombro, em maneiio bamboleante, numa corrida esfergulhada para chegarem à cidade á frente do pelotão, esgalamidos sob a torreira, calções arregaçados até às virilhas, camisa laça e aberta, pés descalços surrando martirizados os areais do caminho;

- e as **peixeiras**, em bandos, fazendo prodígios de equilibristas com as canastras encanteiradas na cabeça num passo de gaivina afugentada, a que os requebros sincopados das ancas balanceadas evidenciavam a beleza de linhas soltas, ágeis e finas, altas e aprumadas, no levar do carregó às ruas das Vilas próximas, onde soltavam o pregão estridulo: ***Oh! freguesas... olhai a bela sardinha, vivinha(!), da nossa costa.***

Era um corre-corre de gentiaga, um poviléu de pressurosos passantes afadigados, para cá e para lá, em **alhanado** labor.

Esta movimentação intensa exigiria um controlo administrativo próximo. Naquele tempo as Câmaras viviam da cobrança de impostos (as sisas) que recaíam sobre entradas e saídas do que quer que fosse: peixe, vinho,



A Xávega



O lavar na borda

utensílios, equipamento, passagem em barca ou em pontes, tudo era taxado, pois ainda não havia OGE (Orçamento Geral do Estado) - como hoje se tem - para prover às loucuras despesistas dos eleitos. O que se fazia, ainda que pouco, era pago com o que se cobrava, provindo do *pib* interno local.

Minhas Senhoras; Meus Senhores; Amigos:

Já nesse tempo quem **melhores políticos acolhesse, melhores concessões obteria.**

Ora a Costa-Nova foi um dos grandes amores da vida plena desse notável Tribuno que foi José Estêvão, *figura inteiriça, impetuosa e tersa* (como nos disse Frederico de Moura). Para lá disso, um homem solidário, justo e tolerante, especialmente com aqueles que mais precisavam do seu auxílio.

Em **1840** José Estêvão compraria para com supremo enlevo oferecer à sua esposa, D Rita Moura de Miranda, o palheiro que a sul, logo nos primeiros tempos do desembarque, limitou a área das Companhas; palheiro esse que tinha sido edificado pelo rico *mercantil* de Viseu, Manuel Marinho. E foi a Costa-Nova que José Estêvão elegeu para aqui passar longas temporadas em merecido descanso de uma vida de indomável lutador. Esse palheirinho simples seria beneficiado pelo político, transformado em acolhedor local, franqueado a muitos dos seus amigos. Nada tem a ver, esse palheiro inicial, com o actual sito aqui defronte, que sendo comumente conhecido por Palheiro de José Estêvão, certo é que este - o actual - nunca o tribuno o viu, pois que foi construído em **1885** por sua Esposa, muito após a morte do marido, ocorrida em **1862**.

José Estêvão assumia-se desde logo o maior pugnas pelo desenvolvimento da Costa Nova, no benefício das suas gentes. Para o que actuará junto do Governo da Nação, pressionando-o no sentido de, administrativamente, se encontrarem novas soluções para melhor definição da pertença desta parcela de território, indispensável para o seu desenvolvimento e afirmação.

Em Outubro de **1855** toda a orla a poente de Ílhavo, numa linha que ia dos Cardais em direcção ao mar, limitada a norte pela ria, passaria, finalmente (!), a pertencer a Ílhavo.

Este é um acontecimento da maior importância para o desenvolvimento económico e político da Vila, abrindo novas perspectivas que permitiram às suas gentes sair do sufoco que a crise lagunar do século anterior tinha feito recair sobre as populações ribeirinhas, colocando-lhes à *porta* uma actividade com remuneração, senão muita, pelo menos a que permitia a sobrevivência aos agregados familiares. Que amorteceria a saída dos Ílhavos por esse litoral abaixo, em procura de pousio para o exercício das artes em que eram exímios, iniciada no século anterior, especialmente dirigida para o rio Tejo. Onde viriam a constituir assinaláveis colónias piscatórias, de hábitos e costumes tão intensos e marcantes, como fechados, imunes, murados a aculturações exteriores. E que por tanta especificidade e distinção da realidade envolvente, passaram a fazer parte integrante, e marcante, da história ribeirinha do rio que serve Lisboa

A intervenção de José Estêvão não ficou por aqui: e assim, a sua pertinácia junto das altas esferas governamentais conduzirá à abertura da estrada que veio ligar, primeiro, Aveiro à Calle da Vila (**1855**) e, logo depois, estendendo-a

até à Costa-Nova, construídas que foram as pontes, a da **Cambeia** (1861) e a ponte das **Duas Águas** (1862). Importantíssimas infra-estruturas que viriam permitir uma extraordinária melhoria, ao facilitar as ligações entre centros urbanos periféricos e a sede distrital, o que se tornaria vital para o desenvolvimento daqueles agregados em início de desenvolvimento. Mas, não fora o fim primeiro de ligar a Costa-Nova a Aveiro, e com toda a probabilidade, não teria sido tão cedo que as Gafanhas beneficiariam daquela benfeitoria. Registemos, pois, o facto, dando desde já o crédito à Costa-Nova.

Que tinha um senão para os reais interesses de Ílhavo: o de facilitar e permitir, que por via da referida estrada, se recentrasse novamente em Aveiro, o controlo do escoamento da actividade comercial intensa que se vinha manifestando na Costa-Nova, e que a saída das Companhas de S.Jacinto, parecia ter posto em causa.

Por tal motivo foi sentida, em Ílhavo, a necessidade de responder àquela situação. Para isso seria incontornável o passo de construir a **Ponte de Juncal Ancho** e, logo depois, efectivar a abertura da estrada que ligava a Vila à mota das barcas, na Maluca, criando assim condições de acesso directo à Costa-Nova, muito mais próximo.

Será ainda a José Estêvão que se ficará a dever a construção da referida ponte de Juncal Ancho (**1865**) que veio substituir a de madeira (**1840**), sita um pouco a sul, mesmo que o notável, eloquente e influente tribuno, tenha falecido antes de a mesma estar terminada.

A Câmara presidida pelo Dr. António Cerveira, iniciará a estrada em **1893**. Sujeita a várias vicissitudes e

contratempos, levaria tempo infindo a terminar. Foi das vias de comunicação concelhias, uma daquelas que mais tempo levaria a concluir. De facto, em **1895**, aconteceu a anexação do Concelho por Aveiro. Ao poder político deste não interessava a concretização da via, já que a mesma retiraria - como acima referimos - uma grande parte do controlo por parte das suas instituições, ao movimento do peixe capturado. Por esse motivo a execução da estrada será, durante a anexação concelhia, praticamente interrompida. Aquando da desanexação do Concelho, ocorrida a **1898**, faltava ainda cerca de quilómetro e meio para o seu *términus*.

A Câmara de Ílhavo, acontecida a desanexação, interiorizou a necessidade urgente de concretizar o plano interrompido, que hoje se diria ser, **estruturante**. A verdade, porém, é que não chegava a vontade, já que os cofres municipais estavam exangues, esvaídos, depenados, pelo período de anexação. Mas tão justificado, importante e necessário se considerava o investimento, que o Dr. Moura, médico de Partido, em Ílhavo, propõe em reunião da Câmara de **16 de Junho de 1898**, a contracção de um empréstimo de **1.400\$000 (Um milhão e quatrocentos mil reis)** réis, o necessário para acabar a obra, assegurando que o mesmo seria reembolsado em cinco anos, **apenas, com o produto das taxas provenientes da exploração da barca da passagem da Maluca.**

Convidados os «40 maiores de Ílhavo» para formação de um consórcio que assumisse o investimento, certo é que nenhum dos capitalista - incluído o meu Tio bisavô, padre Manuel Nunes da Fonseca -, abriu os cordões à bolsa. Pareceu assim perdida, a luta. Mas foi então que o Conselheiro Madail, pai do nosso conhecido Dr. António

Madail, se prontificou, sozinho, a conceder o empréstimo, e até, a fazê-lo a uma taxa de juro de 5,5%, inferior à proposta anterior vinda da própria Câmara, que era de 6%.

E o certo é que o Dr. Moura tinha razão: estrada concluída, o movimento intensificar-se-ia de tal modo que aquela mais parecia uma levada por onde diariamente corria, em magotes, uma enxurrada de gentes provinda de todas as bandas e para o exercício das mais diversas actividades. Cirandando em volta do negócio da sardinha que se tinha tornado de importância vital para a mesa dos portugueses. Tão importante e de tal dimensão, que as Companhas não lhe davam satisfação nesta parte do País, razão porque José Barreto se tornará «importador» de sardinha dos «**tarrafeiros**» de Lisboa.

Imaginemos então o que seria...

Com um pouco de imaginação talvez consigamos refazer aqueles tempos de febril actividade.

Ainda o céu não despertaria lá para as bandas das serras, e já um magote de pescadores, pescadeiras, moços e ajudantes se metia a caminho em alegre palanfrório, a galrichar, lesto e ardegos, pressurosos, a percorrer a légua e meia que lhes permitia embarcar no cais da Maluca para demanda da outra banda. À noitinha, após o último lanço, para uns era tempo de voltar a casa para uma olhadela aos filhos, ou à mulher, ou, tão só, para atenuar o exaurir em vida tão agreste com um aconchego quente ao estômago. E tempo para **amoioar** o corpo **amolambado** por tanto esfalfe para cima do folhelo, para gozo merecido de umas curtas horas de descanso. Para outros, era o início de uma noitada em correria, trepando a Eixo, Eirol, Travassô, e logo Águeda, de onde se tomava

rumo nas mais variadas direcções do interior beirão. Todo este movimento fez com que bastassem três anos, para a Câmara reembolsar o Dr. Madail !!!.

E depois foi uma torneira que alimentou todas as melhorias que gradualmente se foram introduzindo no tecido urbano do lugarejo, no início do século XX. Foi o caso da abertura e consolidação da estrada defronte aos palheiros, dita marginal; a expropriação (1900) do Palheiro de Bastos & Bastos, para que se possibilitasse um *terrado* suficiente de modo a permitir que as carroças carregadas de mercancias pudessem dar volta quando chegadas ao terminus da estrada Barra - Costa Nova, que ali tinha fim. E seria aí, precisamente, quando já não havia necessidade para a finalidade referida, que se viria a instalar, mais tarde, o primeiro mercado da Costa-Nova (1932). **Foi então, e só aí, que se fez a primeira ligação da marginal ao mar, às Companhas.**

Assim se começaria a desenhar um novo e definitivo perfil urbano, de modernidade pretendida para afirmar a Costa-Nova como local de veraneio, privilegiado.

Deixemos por momentos esta **gentiaga** da pesca e voltemos a José Estêvão, para dar prova á questão da vivência, em que a Costa-Nova foi cadinho de primordial importância para as gerações que nos precederam no inicio do séc.XX. Vamos já ver porquê.

Tinha o Tribuno o hábito de convidar para estadia, na Costa Nova, muitos dos seus amigos, figuras gradas da cultura e da politica. Entre outros aqui estiveram Mendes Leite, Freitas de Oliveira, Sebastião Lima, Agostinho Pinheiro e tantos outros. Sempre que uma destas figuras aqui

permanecia, os jornais, locais e nacionais, davam destaque e grande relevo a tal acontecimento. À noite, era hábito seroarem com José Estêvão e seus convivas, as elites locais: os Mourões, os Pinto Basto, os Viscondes de Almeidinha, o Arcebispo Bilhano, os Regalas, João Carlos Gomes e o seu inseparável Manuel Ferreira, os Maia Alcoforados, a que se juntavam os muitos que com eles vinham, mostrando interesse no bebericar de novas ideias ante visionando novos horizontes que haveriam de chegar um dia, **que se acreditava**, não estar muito distante.

E foi pois nesta oportunidade de conviver com novas ideias e com novos pensamentos - neste ambiente de intensa vivência sócio-política -, que as elites ilhavenses se começaram a **lustrar**, o que as conduziria às experiências jornalísticas nascidas no final do século e início do seguinte, ocasionando o aparecimento de instituições ligadas à cultura: as Filarmónicas, o Clube dos Novos; as incursões literárias; o entusiasmo pela Escola Pública: - todo um caldo cultural que iria alimentar a geração seguinte, onde despontavam já, notáveis figuras de invulgar perfil académico e ou profissional (Alexandre da Conceição, Maia Alcoforado, Rocha Calixto, M. Ferreira da Cunha, Trindade Salgueiro, João Carlos, Samuel Maia, Fernando Magano, Guilhermino Ramalheira, António Madaíl, Américo e Viriato Teles, Diniz Gomes, os Ançãs, etc.)

A Câmara de Ílhavo, em 1860, em paga de tão notáveis serviços praticados ao Concelho, por José Estêvão, delibera conceder-lhe por aforamento, a um valor simbólico, toda a área a norte do seu Palheiro, até à Barra, compreendida entre o mar e a ria.

É certo que José Estêvão morre em **1862**, tinha então o seu filho, **mais tarde Conselheiro Luís Magalhães**, pouco mais que três anos. Este segue as pisadas do Pai e honra a tradição.

No novo Palheiro que sua mãe entretanto construía, Luís Magalhães começa a receber novas gerações dos maiores deste País. De salientar entre muitos, Eça de Queirós visita habitual, amigo muito íntimo do Conselheiro. Será aqui que algumas das suas obras serão revistas, apesar da incomodidade de tal *trabalho ser feito nas areias*, sujeito à ventania. Os seus romances estão povoados por figuras inspiradas em gentes que por aqui encontrou e com quem conviveu, e cujos hábitos registou; a referência ao «**Gabão de Aveiro**», usado pelo seu *Dâmaso* da «**Tragédia da Rua das Flores**», é prova inquestionável. *Simão Craveiro*, o homem da «*idéa nova*», o paladino do Realismo, o autor do poema «*Morte de Satanás*» que se encolhia no *gabão com o grande barrete de lontra*, como nos descreve Eça, em, «**Os Maias**»: - *pondo o Alencar fulo, jurando que se esse Craveirote não fosse raquítico (...) rolava-o pelo Chiado abaixo. Esborrachava-o, João da Ega...(...) assim mesmo !-rompendo às patadas ao soalho*, foi inspirado num arquétipo que aqui teria observado.

Na «**Ilustre Casa de Ramires**», refere-se Eça à Costa-Nova, elogiando-lhe a *sardinha, tão graúda e boa... que comiam no excelente chalé de Magalhães*.



Os serões naquele tempo



Costa-Nova (início séc.XX)

Mas é ainda destas bandas, a «Joana» da «**Tragédia da Rua das Flores**», que nos é descrita como *uma combinação da raça árabe e a raça céltica (...) um pedaço de animal. Uma simples fêmea, um belo pedaço de animal com um corpo de estátua, com uma solidez ancestral das mulheres da **Ria de Aveiro** (...) em que há um calor morno, dissolvente, delicioso, estonteador.*

«O Varino», de abotuadura de cima abaixo e com capuz, tornar-se-ia agasalho universal de ricos e pobres.

O interesse por conhecer estas gentes, estas paisagens, a natural e a humana, a pretensão de apreciar o clímax patético da xávega, faria arrastar hordas de visitantes ostentando os tiques cosmopolitas dos grandes centros, que os indígenas logo se apressariam a copiar.

Mas deixemos ainda Eça falar sobre a Costa-Nova:

filho de Aveiro², educado na Costa Nova, quase peixe da ria eu não preciso que mandem ao meu encontro carros e barcaças (...) eu sei ir por meu próprio pé ao velho e conhecido palheiro de José Estêvão...

E por isso refere o escritor em 1884, ao Conselheiro Magalhães, a quem solicita guarida para mais uma próxima estadia:

Não desisto de ir palmilhar as areias da Costa e os pinhais da Gafanha.

Os Jornais da época, principalmente de Ílhavo, Aveiro e Águeda - mas e também as Gazetas de Lisboa - disponibilizaram espaço para laudas e laudas, de notícias, postais, crónicas e cróniquetas que alimentaram o mito de ser, a Costa-Nova, o *local mais cosmopolita da região*, o

preferido pela gente *polida da época*, uma sociedade com tiques de *chiquismo*, onde todos se desejavam ver - para gozo da maravilhosa e pródiga natureza - mas e também para serem vistos, por vezes até, à cautela e para esse fim, anunciando a sua chegada em largas parangonas: - «*nos próximos dias chegará para gozo de férias, S. Ex^a etc.... acompanhado da esposa e...* » - era habitualmente lido, nos jornais locais.

A Costa-Nova era Sol, *muito sol, sempre sol azul, muito azul, sempre azul. Amplidão de frescura e água onde apetece mergulhar, uma tela onde a luz tem o papel principal*: - dizia-se à época. A tela de luz que Raul Brandão descreveu com os seus cambiantes, *é difícil, senão impossível de fixar em palavras*, mas o melhor remédio para um individuo emergir das brumas carregadas do seu interior, encharcando-se nela até ao tutano, para revigorar de alegria.

A Costa-Nova assume, por isso, nas páginas dos Jornais e Revistas, da altura, um enorme destaque. Desde 1840 que a mesma é já referenciada pelo intenso movimento de veraneantes, que a ela acorrem. São cada vez mais, os novos ricos, a chegar no período estival para a temporada de banhos, e para farta e estonteante diversão de que os veraneantes se desejavam **desafaimar**.

No final do Séc. XIX, já instalados de um modo bem diferente dos primeiros que, chegados a partir de 1824, à falta de melhor ocupavam os chãos de areia juncada dos palheiros de salga. Estendendo sobre eles esteiras para aí pernoitarem, depois de acabada a jorna dos banhos. No dealbar do Séc. XX, na Marginal, alinhava-se uma fiada de palheiros de tabuado, encostados beiral com beiral, como que para se aguentarem uns aos outros, já com sobrado

destinado a aluguer à nova burguesia. E até na década de vinte, do referido século, iriam surgir as primeiras casas em alvenaria, intronadas por entre esses palheiros. Nas primeiras décadas do Séc. XX proliferava um número impressionante de Pensões: o incontornável «Coração da Praia» a «Astória», o «Zé das Hortas», a Pensão Azevedo, o «Rafeiro», o «Quintino», a «Flor da Lomba», a «Malaca», etc. etc.

A pressão exercida pela população flutuante levaria à aquisição, por parte dos locais, de muitos dos palheiros existentes, com o fim de aí estabelecerem as suas vendas e alugarem os referidos sobrados. Tal facto empurraria, lá bem para o sul, para zona por detrás da casa «Pinto Basto», os pescadores, que por ali foram edificando os seus palheiritos, agrupando-os em ilhas dispersas ao sabor do desenho das dunas, voltando-os para a ria por onde começaram a ter pousio as chinchas e os chinchorros. Era aqui, na borda da ria, a sul, como se de um malhadal se tratasse, o local onde os moliceiros vinham depositar as ervagens necessárias para serem misturadas com as areias das glebas aforadas a particulares, no intuito de pretender repetir, no sul da Costa-Nova, e até à Vagueira, o milagre das galefenhas.

E foi então que a Costa-Nova apareceu completamente cindida em duas, albergando cada um dos núcleos, dois estratos sociais completamente imiscíveis:

A norte do casarão, ficava o local de veraneio, de folia, de lazer e diversão.

A sul, ficava o mourejo, o local das gentes da borda, da ria e do mar, onde de verão e de inverno se procurava, de um modo, fatigado e tenazado, o sustento familiar.

Ora, o certo, é que as Companhas da Xávega com o aparecimento dos cercos americanos (1907-1912) começaram a ter dificuldades em sobreviver. Na segunda década do Séc. XX eram já só duas, as Companhas a laborar na beirada da Costa-Nova. Lenta, mas inexoravelmente, as artes pequenas - a outra, a xávega era a Arte Grande - foram-se centrando na laguna, constituindo pequenas companhas da chinha. O pescador regressava assim, à laguna pois que as novas condições de renovação das águas permitiram que a sua fauna voltasse a ser apelativa.

As actividades da pesca e do moliço foram tão intensas, que justificaram a criação da «**Brigada Naval**» com o fim de criar os regulamento de pesca e da apanha de moliço, para uma melhor gestão da riqueza existente. Fixando períodos de defeso para preservação das espécies, piscícolas e flora vegetal.

Verdade seja aqui referida, os ílhavos tinham já cedido, na Xávega, os seus lugares aos rústicos gafanhões. Estes, que se tinham chegado como tocadores da junta de bois -*numa ruralização do litoral como lhe chamou Miguel Unamuno* - depressa se afoitaram a dar mão ao **cambão**, e depois até, ao remo **maião**. Os ílhavos, irrequietos no pousio, embriagados pelas lonjuras, tinham levado os seus bateirões - *as ílhavas* - para a arte da tarrafa (Séc. XVIII), varando-as na embocadura do Tejo, ou até subindo bem para montante, a Vila Franca, em demanda de novos locais de pesca. Afoitos como nenhuns outros, eram os escolhidos para, numa viagem a que se chamou, de **varar o mar**, munidos de um

simples relógio do sol de três vinténs, levar ao Tejo, os Varinos, embarcações nascidas da genialidade ancestral da construção naval lagunar, enviadas após a sua construção, para labuta nos rios, Tejo ou Sado. Foi fácil aos *ilhavos*, por aí chegados, assumir lugares de destaque nas diversas companhias que se foram formando. E por lá foram mourejando, sendo-lhes habitual apenas voltarem á terra que lhes serviu de berço, quando, finda a época, ou obrigatoriamente uma vez por ano, por altura dos festejos de S Pedro.

Muitos dos filhos destes migrantes, por insistência das matriarcas, tinham ultrapassado nas escolas o simples rudimento do conhecimento. Incentivados em ir mais além, frequentaram cursos de pilotagem, preparando-se para serem figuras maiores numa aventura que estava então a escrever o segundo capítulo da história, que ficou conhecida por «Faina Maior». Outros, juntaram-se às gerações providas da aristocracia local - lavradores, altos funcionários, boticários, médicos, juízes etc. etc. - que alimentavam o sonho de se munir com um curso superior. Daqui brotaria uma plêiade de notáveis, que na literatura, na arte, ou no desempenho profissional, se afirmariam com relevante dimensão e apreço, dentro e fora das fronteiras locais, regionais, e até nacionais.

E eram estas, as novas gerações que no período estival vinham dar vida, cor e cosmopolitismo, à Costa-Nova do início do Séc. XX.

Da década de vinte à de quarenta, a Costa-Nova ganhará alforria de agregado urbano.



Costa-Nova 1920



Passeando na ria

Em 1932 abre-se a Rua da Boa Vista que passará á história com a designação de Bela-Vista; é também neste ano que se muda o mercado para defronte, da já então Pensão Astória: no mesmo ano implanta-se o busto do Arrais Ançã no largo que servia de praça e que toma o nome daquele; muda-se a mota das barcas para sul, vindo esta situar-se mesmo defronte daquele largo. E, mais notório, em 1930, com o alargamento da marginal, iria surgir uma bonita Esplanada debruçada sobre a ria, ponto de encontro de veraneio, charla e distracção, que depressa se tornará imagem de marca e identificação do local, em cliché difundido pela comunicação social da altura. Rasgam-se ligações da Marginal à Bela-Vista, a norte (1934), com a expropriação do palheiro do Sr. Julião, e a sul, com a expropriação do terreno da Sr^a Pauseira; em 1932 surgiria a iluminação eléctrica que viria substituir os enfezados candeeiritos a querosene, que tinham aparecido em 1907, para aqui deslocados logo que Ílhavo teve o acesso à iluminação pública eléctrica.

Diniz Gomes, que em Ílhavo vinha a dar forma de modernidade à Vila, decide dar à Costa-Nova uma configuração que a aproximasse dos centros modernos de lazer, que de norte a sul se procuravam impor como centros de atracção turística. Em 1929 criou-se a Junta de Turismo, presidida pelo Dr. Emanuel Rebocho secundado pelo Dr.Rito.

É pois durante esta primeira metade do século que a Costa-Nova ganha notoriedade, numa afirmação que irá perdurar até aos nossos dias, apesar dos agravos e ofensas, que a dada altura (1970) serão feitos à sua beleza natural, ao levarem a Ria para longe *dos risquinhos* que ficaram, eles sozinhos, a

defender a imagem de marca deste sortilégio da natureza que nos foi consagrado há dois séculos.

E as gentes? O que lhes aconteceu, entretanto?...

Em meados do século passado, a Costa-Nova debruçava-se, ainda então, sobre a ria, permitindo ao passante gozar o espectáculo dos moliceiros, ronzeiros, a catar a ria, rapando do seu fundo lodoso com os seus longos pentes encravados nas *tamancas*, os cabelos verdes, em deambulação contínua, ali, à vista de um olhar.

Certo é, porém, que a praia tinha já forma urbana esboçada, distribuindo-se por espaços já completamente definidos em meados do então novo século, com identidade e fins, bem identificados.

A norte instalavam-se as vendas (café, tascos, mercearias e de outras tralhas) e os palheiros, aqui e ali já transformados em casarões que a modernidade tinha consentido. Embora nem sempre esteticamente valorativos da paisagem urbana.

A sul, a classe piscatória, imune a influências exteriores continuava fechada em si mesma, como que enclausurada voluntariamente em gueto, alombando com a vida numa rusticidade assumida. Que mais parecia esconjuro de desígnio superior, tanto era o seu suado, esfandegado e estafegado labor para o simples acto de sobreviver. Viviam praticamente alheados daquelas *gentes da alta*, amigas de luxar e pandegar, que doidejavam lá para as bandas do norte, e que apenas, de quando em vez, apareciam pela borda, a olhar, **olhos espantados!**, especados, para o **mourejo esgalmido** que fazia escorrer o suor em borbotões pelas levadas esculpidas nos rostos mortificados dos

pescadores, **engolfados** no ganho de uma parca, somática e sofrida, sobrevivência.

Mas a natureza, essa, deixou-se ficar; felizmente para todos nós que temos o privilégio de a apreciar em todo o seu esplendor.

Sendo a arte a impressão sensorial de estímulos externos que nos causam prazer, ao admirar o particular de certas combinações de formas, linhas ou cores, movimento ou mancha, ritmo ou imagem, poderíamos aqui dizer que a Costa-Nova é no seu todo e em cada um dos pormenores, uma expressão desmedida do belo.

Para os comensais do sensório, o bodo continua único, deslumbrante. Muitos artistas se debruçaram na tentativa de particularizar certos aspectos ou momentos desse bodo.

A magia dos azuis. Que pouco a pouco se vão afirmando inundando a ria de frescura e vida, à medida que a neblina coada se dissolve num tom húmido, reflectindo e ampliando a luz, deixando-se como que esquecida, aqui e acolá, a pairar em pequenos tufos sobre os charcos da margem.

Ou magia dos verdes. Que vindos lá de longe, começam a transmutar para o azul desmaiado, quando daqui se aproximam. Este azul que deslumbra, envolve e se amplia no céu a ganhar a cor. A amplidão assombra.

Contemplativos, poetas sonhadores, ou escribas, todos tentaram descrever esta beleza suprema. Nenhum a reproduziu na íntegra, por tão só o ser impossível. Porque tão cheia e repleta de motivos ou sensações frutivas, irrequietas, em permanente mutação, escapam ao



A Esplanada



Os Palheiros dos Pescadores

estaticismo da reprodução momentânea, tornando-se impossível de a captar no seu todo, magnífico e grandioso.

Como reproduzir a magnificência se a não acompanharmos da descrição das sensações?

Tentemos...nós também... (*será apenas mais um a encher a galeria dos falhados*)

De manhãzinha já o *barbazanas de fogo* garimpa na serra a espreitar por detrás da paisagem recortada de onde se destaca o Caramulinho, e logo a ria se inunda de um doirado afogueado a faiscar nas cintilações da maretá. Que estremece como que estremunhada, acordada pelo sopro estival. O tempo monta, e com ele monta o astro rei para se ir empoleirar no meio-dia, de onde fuzila as águas, encharcando-as de um prateado ardente. A causticá-las de fogo, num ardego de que as próprias gaivotas fogem para encetar uma bordada lá pelos frescos do mar.

Um *degradè* esverdeado vindo lá dos montes, parece reafirmar-se quando chegado aos pinheirais, tonificando-se por entre os milheirais ribeirinhos até se esparramar pelas águas da ria, diluindo-se no azul criança, nascido a cada dia.

Mas estes doirados não são só e simplesmente, doirados. Nem os verdes, simples verdes. *Possuem uma alma delicada e extática* como nos disse Raul Brandão, quando por aqui passou e se embriagou com a *luz...mais luz...tanta luz, a estremecer antes de pousar.*

Apreciar à noitinha a paleta da Costa-Nova era (é!) mergulhar numa orgia incomparável: - o vermelhão do pôr-do-sol quando se afunda lá no horizonte, envolve toda a

praia, tingindo as areias que à borda vêm receber as queixas e o murmúrio do mar. Espalhando-se pelas ondulações da lomba, encharcando-as de sombras e brilhos. É altura para lá de longe, emergindo do escuro serrano, se soltar a lua para verter um prateado maravilhoso sobre a superfície serena, quase vidrada, da ria, pronta para o sono, a mirar-se ao espelho antes de se ameigar na almofada da neblina que, rasteira, lhe vem servir de conforto ao codorno. A luz inunda o malhadal da Maluca onde se destaca, na outra banda, a horda de *maçaricos* noctívagos a debicar, sossegados mas irrequietos, à procura de um «pulgão do mar» por entre montículos de sargaços acamados.

E antes que a lua se retire, e a escuridão cubra com o manto a imensidão líquida, o *mergulhão* aproveita para se banhar na ria de prata. A superfície da água estremece, ondula-se, enruga-se, realçando o seu prateado exuberante, que refulge, cintilante. Só por um breve instante. Depois tudo volta á quietude anterior.

Embaladas neste deslumbramento, as gerações atrás referenciadas foram legando hábitos, tiques e rituais, transmitindo-as no convívio da galhofice das chinchadas, das idas à bruxa, das garraizadas, dos banhos, no Bico e depois na Biarritz, nas deambulações nos Vougas. Tanto embriagamento diurno, tanto banho de luz que nos penetra sem ser dura, doirada e viva, provinda da ria, não seria contudo suficiente para desbaratar a energia de uma juventude que vinha para a praia, ávida de ruidoso e desenfreado folguedo.

Desde as primeiras décadas do Séc. XX que se enraizou o hábito do convívio nocturno de ambos os sexos, nos salões locais. Mal a noitinha arribava à praia e já a rapaziada - de

camisa atada com gravata de seda sob casaquinho cingido, a acentuar a ombreadura de atleta, sapatinho caído amparando a calça janota afunilada, o *palhinas* pousado no cimo da cabeça cobrindo um cabelo bem untado - acorria à Assembleia. Aqui, enlevada pelo som das Jazz Bands que animavam as noites trepidantes a debitar enxurradas sonoras saídas dos estrídulos metais, a rapaziada procurava as eleitas entre os mais belos exemplares de estonteante beleza de que esta terra de Ílhavo foi pródiga. E que aqui faziam ancoradouro obrigatório, amoiroando o corpo e coração, com o fito de arranjar encosto seguro para se enlaçarem para toda a vida.

Aquelas tinham já atirado às malvas os trajes de tricana; então o fatinho caído, cingido, desenhava-lhes já as formas; a perna esbelta, gentil e bem torneadinha, aparecia ao léu, antes do pézinho delicado calçar os sapatinhos de meio salto, abotoados no artelho, indispensáveis para melhor escorregarem, levezinhas, nos doces e lascivos *shimmy's* ou nos ardentes *one-steps*, ou saltitarem nos mexidos *charleston's*. Indispensáveis, fosse para cirandarem ao som dos cálidos e palpitantes *maxixes*, fosse para se entregar aos compassos boémios dos *foxtrots*. Todas bailações que integravam o cardápio das danças em moda, *em namoros a que só por irrisão se poderia chamar flirt, se ignorado o que há de espiritual e gracioso no jogo de amor platónico.*

Entre danças, conversas, namoricos, olhares dirigidos, fugidios ou penetrantes, entrecortados por suspiros murmurados em sussurro proveniente de almas apaixonadas, alinhavam-se concursos poéticos e de traje, récitas, fados, jogos das *prendas* e das *navalhinhas*, tudo servindo de entretém a uma juventude a despertar, maravilhada, para a vida.



As Beldades anos 20



Costa-Nova anos 20

Foi esta Costa-Nova, com todos estes tiques, hábitos e bons costumes, que a minha geração recebeu. Fomos provavelmente os últimos «moicanos» que a gozaram em pleno.

No início dos anos setenta o caterpillar chegou, e foi-nos uma vez mais dito, como sempre, que era para melhoria daquela. Ainda que fosse evidente que o não era, quem se opôs?

O individualismo tinha já feito de nós, uma comunidade amorfa. Podem pôr o farol no quintal do vizinho. Pouco nos incomoda. Só no meu quintal tudo me incomoda, até *o pito da vizinha* como o diz o painel atrevido, provocante e brejeiro do moliceiro do «carteirista».

Onde estávamos? Que fizemos? Porque não nos constituímos Grupo dos «Amigos da Costa-Nova» para a defender?

Certo é que apesar de tudo, pouco a pouco, a personalidade vincada da Costa-Nova, como jóia *sue gèneris* que é, foi-se impondo. Ela salvou-se por si mesma. Porque a Costa-Nova tinha alma. Um fio de ouro que esvoaça sobre as suas águas, os silêncios da noite espelhada só cortados pelos choros nocturnos dos maçaricos passantes, os tabuados cromáticos dos seus risquinhas. Já não era a Costa-Nova humilde e tímida dos primeiros tempos, mas a Costa-Nova exuberante, chançada do seu luzir e da singularidade que exige que nela atentem com cuidado e enlevo, para cuidar do que resta. Apesar de uma ou outra agressão de que foi vítima, soube chamar a atenção para a obrigação da preservação do que era fundamental à sua imagem de marca. E a desenfreada



Ultimas imagens das barcas na mota



A «mota» no areal

paranóia imobiliária parece que a olhou, mirou e remirou, e envergonhada com a presunção, o desprate e a prosápia atrevida, foi destruir para outro lado. Ainda bem. Até a estupidez por vezes assume «laivos» de inteligência.

Mas a história, amigos, não pára. Cuidem-se!, porque poderá chegar o dia em que outras gerações vindouras poderão ter de lembrar que no sitio onde então estarão instalados os SPAS de luxo, havia, outrora, um bocado de paraíso que se chamava ria, a circunstância de gentes que não sabiam esperar e que por isso foram onde o sonho o permitiu.

Minhas Senhoras; Meus Senhores; Amigos

A Costa-Nova teve os seus ícones, os seus símbolos, os seus ídolos, que lhe granjearam fama e impuseram respeito e admiração, para si e suas gentes.

Falta escarrapachar os seus nomes na toponímia local que indiferente não os regista para os legar às novas gerações.

Já falámos de José Estêvão que amparou a Costa-Nova nos seus primeiros passos, para ela conquistando alforria de terra civilizada, desigualada do que lhe ia, cerca, e, por isso, merecedora de atenção. Empenhando no afeito todo prestígio de homem publico de eleição, levando o poder politico a atentar nas necessidades básicas que viabilizassem o agregado populacional, e lhe permitissem o desenvolvimento.

Referimos já Diniz Gomes, o mais imaginoso e voluntarioso Presidente da Câmara de Ílhavo. Ressalvados algumas questiúnculas, normais no exercício do poder político, foi um homem de extraordinária visão, determinado e até audacioso, dando forma e modernidade, indiscutíveis, à Costa-Nova, alcançando-a ao que de melhor e mais interessante havia por esse litoral, para regalar o corpo e deliciar a vista. Diniz Gomes para lá da faceta de autarca visionário, era um homem de grande sensibilidade,

profundamente culto, um excelente literato, que nos legou das mais belas páginas escritas sobre as Gentes de Ílhavo.

A Costa-Nova foi fértil em símbolos humanos, simples no ser, grandes no arcaboijo heróico. De um ousio tal na valentia com que enfrentaram o mar nesta parte da orla costeira desabrigada, que a muitos pareceu demente. Nessa jurema árdua cumpriram feitos tamanhos, que não basta lembrar, (talvez) o maior - Gabriel Ançã - porque outros não ficaram atrás dessa figura *mítica, alta como um mastro de galera, carão moreno tisonado pelo sol, cinzelado de sulcos que a barba calafetara, sorriso doce e ingénuo*, como nos descreve António Cértima, o Ançã.

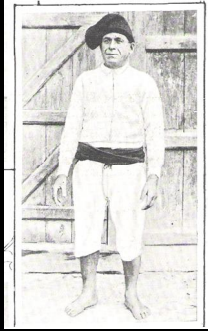
Esta descrição serviria e assentaria, perfeitamente, em muitos outros: nos arrais, Batata, Cajeira, Parracho, Piorro e outros valentes a defrontar o mar, afoitos a dominar o vento, habituados a submeter a natureza que lhes obedecia.

Mas não ficará mal destacar o nosso demiurgo, o Luís Barreto, o homem que um dia, insatisfeito aqui aterrou com o seu meia-lua, dizendo: *a partir de agora vamos pescar, aqui, nesta costa nova.*

Impressiona não ver o seu nome, aí em qualquer canto deste rincão.

E o António da Benta? Porque é quase desconhecido este herói condecorado por D. Carlos, que em 1876 se lançou à água em arrojada audácia a desafiar o endemoinhado mar para ir em socorro de uma Companhia perdida?

Mas seriam apenas, **homens**, estes gigantes?



O Arrais Ançã



A Joana Câlôa

A questão é que entre eles havia, também, as ARRAISAS. A Joana Câlôa foi uma delas. Ainda por cima um pedaço de mulher alta, desempenada como mastro de moliceiro, bonita, airosa, olhos escuros profundos de encantar, que D. Carlos só de mirá-los por uma única vez, caiu entontecido, logo pretendendo levá-la para a sua corte. Será estulto admitir que descrição física da «Joana» descrita por Eça na sua Tragédia da Rua das Flores, não tenha sido inspirada na figura da Joana Câlôa? Com muitas as probabilidades especulativas, foi-o. Eça, nas visitas aqui feitas nos anos oitenta, assíduo frequentador das Companhas, encontraria e contactaria com a Joana Câlôa, que nos seus vinte e poucos anos deveria ser mulher de enfeitiçar um *corpo de estátua, com uma solidez ancestral das mulheres da Ria de Aveiro (...) onde havia um calor morno, dissolvente, delicioso, estonteador*. Como Eça exímio catador de perfiz humanos, tão bem reproduziu.

Era uma valentaça.

Para garantir a *primazia* para a sua Companha não hesitava em ir com dois camaradas, na robaleira, lá para longe, ainda antes que o sol despontasse, para assim marcar campo de pesca para os seus barcos. E à falta de reçoieiro não hesitava em saltar para o meia lua, saias arregaçadas - e ai daquele que botasse um olhar conspícuo no momento de alçar a perna! - para com mão firme largar a tralha no mar; e ainda, se preciso fosse, para dar a mão ao *maião*, para suprir falta de camarada.

A Joana que preferiu continuar a *fazer o nó da gravata* ao «seu» João Simões da Barbeira - **O Pisco** - a servir de açafata na corte, por cá ficou, matriarca «a fazer» de todos os seus filhos, ilustres Capitães. É um exemplo apropriado

para encerrar este nosso descolorido atavio, exemplo e prova - se é que ainda a não tínhamos conseguido produzir - da tal importância que a Costa-Nova teve como cadinho onde se fundiram as gerações que escreveram uma parte valiosa da história dos «**ilhavos**».

Minhas Senhoras; Meus Senhores; Amigos:

Se pretendesse fixar numa frase tudo o que acima titubiei,
diria:

**Com a Costa-Nova nos fizemos «gente»; e agora o que
vamos fazer dela, se queremos *continuar gente*?!**

Senos da Fonseca

(CVCN - 11.08.2008)

